

A CRISE DA RAZÃO E A REVANCHE DO IRRACIONAL¹

THE CRISIS OF REASON AND THE IRRATIONAL REVANCHE

Hilton Japiassu

Ainda é freqüente se apresentar a atividade científica ao grande público como estritamente **racional** e **objetiva**. A ideologia cientificista a vem fundando em três artigos de fé: a) a Ciência é o único saber verdadeiro ou, pelo menos, o mais verdadeiro dentre todos os saberes, porque racional, metódico, fundado nos fatos....; b) a Ciência é capaz de resolver todos os nossos problemas teóricos e práticos, desde que colocados corretamente, quer dizer, de modo racional; mas se não conseguir resolvê-los hoje, promete que, com o progresso da ciência, chegaremos lá (não creiam em outra coisa); c) compete aos “Expertocratas” ou “Tecnocientocratas” o cuidado exclusivo de dirigirem os negócios humanos e sociais, posto que somente eles sabem o que é verdadeiro em todos os domínios, claro que lhes cabe dizer o que é bom e justo nesses domínios. Um **fosso** intransponível separaria a racionalidade científica do domínio maldito do **irracional**: o recurso aos **fatos** e a **métodos** estritamente lógicos bastaria para se produzir saberes autênticos. Numa sociedade dominada pela **tecnociência**, entregue ao culto do rendimento e à tecnocracia, é compreensível a preocupação em se garantir o **primado do racional**. No entanto, o puritanismo racionalista corre o risco de dissimular a profundidade e a multiplicidade das **relações** que unem o mundo da ciência ao da religião e, mesmo, da magia e da superstição. Pensadores pouco suspeitos vêm alertando: as **teorias** e os **conceitos** científicos freqüentemente mergulham suas **raízes** em **crenças** e **especulações** arcaicas e fantásticas. Para compreendermos esse fenômeno, analisemos **A crise da Razão**. Por “crise da Razão”, leitmotiv filosófico do século XX, mostrando o desmoronamento do **ideal** das Luzes, de uma Razão triunfante, portadora de progresso e emancipação, devemos entender ainda:

¹ O presente trabalho foi encomendado no ano de 2014, por ocasião de conferência ministrada pelo Prof.Hilton Japiassú na UFT. Após a conferência, a então gestão da Universidade Federal do Tocantins instituiu o Prêmio Hilton Japiassú de Excelência em Pesquisa, através de sua Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação. Em homenagem ao referido professor, a comissão editorial de Desafios decidiu manter o texto original, tal como foi enviado em sua primeira versão. O Prof.Hilton Japiassu faleceu, no Rio de Janeiro, no ano de 2015.

- a perda de confiança na racionalidade como **regra** e **meta** de pensamento e ação
- a revanche do **irracional** nos comportamentos individuais e coletivos
- a difusão do **fanatismo** político e religioso manifestando-se nos mais diversos integrismos e fundamentalismos
- a transformação dos princípios explicativos num mundo onde perdem sua autoridade as grandes **estruturas socializantes** que deixam de ser portadoras de esperanças: os projetos históricos não mais mobilizam.

Desde Pascal sabemos que a **Razão** tem suas razões que a Razão desconhece: as razões do **Coração**. Mesmo assim, precisamos dela para a construção de uma **ponte** entre as “coisas” do coração e as da razão: “A última démarche da Razão consiste em reconhecer que há uma infinidade de coisas que a ultrapassam... Há duas extravagâncias: só admirar a Razão, excluí-la” (Pascal). Depois do fim das utopias, precisamos do **humanismo** das Luzes como o melhor solo intelectual e moral para construirmos nossa vida em comum. E para demonstrar que a Razão possui limites, não é onipotente e pode delirar ou enlouquecer. Se não podemos escapar da Razão, compete ao filósofo definir as regras de seu bom uso. Porque os adversários tradicionais das Luzes são o obscurantismo, a autoridade arbitrária, o fanatismo e o integrismo. Os homens sentem muito mais necessidade de buscar segurança e consolo do que liberdade e verdade; pretendem mais defender os membros de seu grupo do que aderir aos valores universais; e aderir a argumentos de autoridade do que à autoridade dos argumentos. A consequência do abandono dos ideais das Luzes? O cientificismo, o individualismo, a dessacralização radical, a perda de sentido, o relativismo e o niilismo. Donde nossa questão: existiria apenas **uma** razão, o que os ocidentais chamam de “a Razão”? Ou poderíamos falar de razões no plural? Claro que só há **uma**, caso contrário não teriam validade as leis científicas. Mas ela se exprime em **formas** diversas. O singular da Razão não é incompatível com o plural das **racionalidades**: formas de nosso espírito criar estruturas lógicas para aplicá-las ao mundo real e com ele dialogar. O que é particular ao Ocidente é esta forma de racionalidade denominada **racionalismo**: a crença segundo a qual todo objeto só pode ser pensado e resolvido pelo bom uso da Razão. Tanto pode ser:

- uma **visão de mundo** afirmando o perfeito acordo entre o racional (coerência) e a realidade do universo: excluindo todo irracional, as emoções, os sentimentos, as necessidades, as paixões, numa palavra, a **subjetividade**;

- quanto uma **ética** afirmando que as ações humanas e as sociedades podem e devem ser racionais em seu princípio, sua conduta e sua finalidade. Em suma, consiste no fato de se erigir a **Razão** em **sistema absoluto** promovendo um **cientificismo** declarando que a Ciência constituiria o único caminho suscetível de conduzir-nos à Verdade, que “fora da Ciência não há salvação” (da Igreja, dizia santo Agostinho).

Se levarmos em conta que a **atitude científica** sempre desempenhou um papel importante no diálogo entre o **real** e o **possível**, perceberemos que o século XVII teve a grande **sabedoria** de proclamar: doravante, a Razão constitui um instrumento **necessário** para tratar e resolver todos os negócios humanos e sociais. É proclamada sua **autonomia**. Doravante, o Sujeito humano conhece por si mesmo. Contrariamente à inteligência, esta aptidão estratégica de pensar, tratar e resolver problemas em situações de complexidade, a Razão não um dado natural ou inata, mas um conjunto historicamente construído de procedimentos de cálculo e coerções permitindo-nos operar segundo regras. O século das Luzes cometeu a **loucura** de pensar: a Razão, não somente é necessária, mas **suficiente**, bastando a si mesma. Será que não estaríamos incorrendo numa loucura ainda maior quando, a pretexto de reconhecermos a insuficiência e os limites da Razão, muitos já estão afirmando que ela se torna **desnecessária**?

O processo de **autodestruição** da Razão é bastante recente: começou quando perdeu seu caráter revolucionário e emancipador que detinha na época das Luzes, quando constituía uma força de libertação contra a religião, a superstição e as crenças mágicas e se transformou num instrumento de poder, de submissão das massas e uniformização das condutas; começou quando se converteu em **razão instrumental** e passou a impor-se como concepção unidimensional, a conceber-se e apresentar-se como **racionalização** ditatorial e totalitária: como concepção intrinsecamente lógica, não correspondendo a nenhuma realidade empírica. Começa a se enlouquecer quando se torna ao mesmo tempo **instrumento do poder e da ordem** e se converte em **fim** do poder e dos poderes, quer dizer, quando a **racionalização**, sem deixar de constituir um instrumento dos processos bárbaros de **dominação**, passou a instaurar e a justificar uma **ordem racionalizadora** na qual tudo o que a perturba deve ser considerado criminoso, demente ou subversivo. Porque o discurso do Poder é claro: “ou eu estou certo, ou você está errado”; “se der cara eu ganho, se der coroa você perde”. Nesta lógica, não só se produz uma **burocracia** para a sociedade, mas uma sociedade para a Burocracia; não só se produz uma **tecnocracia** para o povo, mas um povo para a tecnocracia; não só se produz um **mercado** para o consumidor, mas um

consumidor para o mercado, etc. E a loucura se instala quando esse processo bárbaro de racionalização irracional se converte em processo que conduz à morte. Por isso, devemos lutar contra a **deificação** da Razão, para transformá-la em nosso mais eficaz instrumento de conhecimento. Contanto que a tornemos crítica e auto-crítica, porque tanto delira a incoerência absoluta quanto a coerência total. Não nos esqueçamos de que o espírito que sempre termina por dizer Sim, torna-se dogmático e adormece; ora, pensar é dizer Não!

Sabemos que o modelo galileano de Ciência sempre pôs de lado as **qualidades sensíveis** do mundo. Para conhecermos o verdadeiro ser do universo, precisamos abandonar nossas sensações e impressões, nossos desejos e afetos: o que é **subjetivo**. Porque o universo seria construído apenas de **corpos materiais extensos**, podendo existir sem que lhe atribuamos nenhuma **qualidade** e ser concebido apenas pelo poder de uma Razão apta a **dominá-lo**, a tornar-nos seus **mestres e possuidores**. A realidade das coisas fica reduzida às suas determinações ideais. É abandonado inteiramente o caráter **sensível** desse mundo onde vivemos, fazendo dele um mundo humano e da vida que podemos propriamente **conhecer**, quer dizer, dele nos apropriar para sobre ele exercer um poder: Saber é Poder. O problema que se põe é o seguinte: não estaria esse **reprimido** ou **recalcado** votando à tona? Não estariam querendo manifestar-se essas determinações invisíveis? Não estamos assistindo a uma **revanche do irracional**? A uma onda de **crítica à raciomania** que se instaurou com a revolução científica moderna? Não corre essa crítica o risco de converter-se numa verdadeira **misologia** (ódio ou hostilidade à Razão)? O ponto de estrangulamento dessa aversão se manifesta no jogo da Ciência e de seu Outro, vale dizer, do Saber e do inconscientemente sabido. Este “Outro” é o **Oculto** da própria Ciência, aquilo que não está revelado ou que por ela foi sistematicamente proscrito, reprimido ou recalcado. No fundo, trata-se da **subjetividade**, freqüentemente identificada com o **irracional** e o **passional**. A este respeito, dizia Espinoza: “Se os homens tivessem o poder de organizar as circunstâncias de sua vida ao sabor de suas intenções, ou se o acaso lhes fosse sempre favorável, não seriam presas da superstição”. Estas doutrinas nas quais os homens se convencem de que a natureza “com eles delira” são devidas à condição humana mesma, à fraqueza dos seres humanos que são movidos, não tanto pela Razão, mas por seus **desejos** e suas **paixões**, ficando angustiados entre a **esperança** e o **medo** num mundo que não mais lhes oferece nenhuma garantia de um sentido previamente dado.

Estamos assistindo a uma onda de comportamentos e atitudes **irracionais** e **desencantados** em relação à política e ao crescimento do **ceticismo** face aos valores fundamentais da modernidade. Estaríamos dando **Adeus** à modernidade, à **Razão**? Quem acredita ainda que “todo real é racional e que todo racional é real”(Hegel)? Que esperança podemos depositar no projeto da **Razão** emancipada, quando sabemos que orientou-se para a **instrumentalidade** e a **produtividade**? Que projeto de felicidade pessoal pode proporcionar-nos um mundo crescentemente **racionalizado, calculador e burocratizado**, acreditando que tudo tem seu peço e colocando no centro de tudo o **econômico-financeiro** submetido ao jogo cego do **mercado**? Como pode o homem ser feliz no interior da **lógica do sistema**, onde só tem valor o que **funciona** segundo previsões, seus desejos, paixões, necessidades e aspirações passando a ser racionalmente **administrados e manipulados** pela lógica da eficácia econômica que o reduz ao papel de simples **consumidor**?

Neste mundo do desabrochar do consumo e da comunicação de massa, desaparecem as normas autoritárias e disciplinares e prevalece um individualismo exacerbado. Nele são consagrados e enaltecidos o hedonismo e o psicologismo e se perde a fé num futuro revolucionário e na esperança. Ademais, são desqualificadas totalmente as paixões políticas e toda espécie de militância. E desacreditadas todas as utopias futuristas da modernidade. O que nos resta? O hedonismo individualista que, minando as instâncias tradicionais de controle social e evacuando do campo social toda transcendência, priva os indivíduos de seus referenciais tradicionais e os mergulha num **relativismo** deixando livre curso às mais extravagantes e exóticas elucubrações fantasistas. Donde não ser de se estranhar a proliferação das **seitas** que seduzem os indivíduos e promovem o retorno do paranormal. Há toda uma cultura hedonista e psicologista incitando à satisfação imediata das necessidades, estimulando a urgência dos prazeres, incensando o desabrochamento de si, colocando num pedestal o paraíso do bem-estar, da auto-estima e dos lazeres: consumir sem esperar, viajar, se divertir, não renunciar a nada. O que importa é o aqui e agora, ter um presente, senão alegre e feliz, pelo menos eufórico, com ajuda farmacológica.

Neste mundo desencantado, dessacralizado, dominado pelo Instrumental e pelo Funcional, onde o homem perdeu toda concepção unitária e de totalidade do mundo, inteiramente concebido segundo uma visão objetivista, onde irá encontrar as **melhores razões** ou **motivos** para viver? E as **respostas** para suas **inquietações existenciais**? Neste mundo dominado pelo

monoteísmo do mercado, onde o indivíduo livre e soberano é reduzido a uma marionete realizando espasmodicamente os gestos que lhe impõe o campo sociocultural (ganhar dinheiro, ser reconhecido, consumir e “gozar”), quem irá despertá-lo do **sono dogmático** da apatia, da indiferença, do cinismo, do ceticismo e do cansaço utópico-político? Não lhe restaria apenas o **destino**, esta divindade identificada com um poder mais ou menos personificado governando tudo o que existe no universo e determinando uma vez por todas o curso geral dos acontecimentos e da história humana? Existir, para ele, não significaria apenas ser pressionado pela urgência do tempo, num mundo onde não sabe mais quem é, o que pode pensar e fazer, embora se veja obrigado a inventar algo para fazer e sobre o que pensar a fim de dar-se a ilusão de ainda ser livre?

Num mundo onde a Razão se transforma numa racionalidade instrumental prestando culto aos **meios** em detrimento dos fins, só podem ocorrer um **desencanto** com a Razão e o advento do **niilismo** pregando a ruína dos valores consagrados e exaltando o desabrochamento dos instintos de vida e da vontade de poder, para “além do bem e do mal”. O capitalismo atual, ao entronizar o Mercado como seu único Deus, e ao considerar cada um de nós como mercadoria, **polui e prostitui o mundo**, pois compra a beleza, mercantiliza a inteligência, transforma a cultura no que se vende, amesquinha a vida humana, mediocriza as massas e corrompe as elites pela cobiça por posse e *status*. Ao estimular o consumismo, favorece a obesidade mórbida e o hedonismo: o fundamental é ter. O homem se esquece de sua alma. Aliás, nem precisa dela. O velho Sócrates já perguntava: queres ser feliz? Cuida de tua alma: sejas bom, honesto e justo! Hoje os valores são medidos em dinheiro, identificados em etiquetas de preços, tratados como objetos de consumo e julgados pelo volume de prazer que oferecem em termos de seu “valor monetário”. A solidariedade é a primeira vítima do sucesso do mercado consumidor. Ora, a dignidade não tem preço!

O que se pretende é construir um mundo onde seja possível a expansão de todas as **criatividades** e onde possam conviver todas as **pluralidades**. Busca-se valorizar uma nova **episteme**: da indeterminação, da descontinuidade e do pluralismo não aceitando mais nenhum tipo de **dogmatismo**, pois é gerador de **violência**. É dogmática toda afirmação admitida (sem prova) como absolutamente verdadeira. Uma crença não crítica, sem uma boa razão. No fundo, a violência e o assassinato cometidos por motivos individuais desempenham apenas um papel insignificante no curso da História. O que matou e mata milhões de pessoas é a **convicção de**

possuir a verdade e a vontade de impô-la aos outros. O homem ocidental matou em nome de Deus, em nome de princípios nazistas, estalinistas e até científicos (racismo). Sempre matou em massa para defender princípios religiosos ou ideológicos. Não nos esqueçamos do que já dizia Pascal: o mal mais completo e realizado com maior entusiasmo é aquele cometido por convicção religiosa!

Por outro lado, o homem de hoje tende a recusar os **megarrelatos**, as grandes sínteses filosóficas, políticas, ideológicas e religiosas que tanta segurança lhe forneceram num passado ainda recente. Esses grandes relatos, que funcionavam como freios institucionais, ao desaparecerem, deram vazão ao atual **individualismo** que nos domina. Propunham-nos uma **visão integrada** e coerente do mundo (cosmovisão), forneciam-nos uma **explicação total** para todos os aspetos da realidade, faziam-nos aceitar as **normas** regulando as condutas e os comportamentos, davam **coesão** aos grupos humanos e legitimavam o **sistema de valores**. Frequentemente confundidos com visões objetivas da realidade, tinham a vantagem de fornecer um **sentido**, uma **orientação** e um **guia** para os indivíduos. Chegavam mesmo a propor-lhes uma “salvação”. Sem nos esquecermos de que o surgimento dos **meios de comunicação de massa** foi determinante para o processo de dissolução desses pontos de vista centrais ou grandes narrativas. Converteram-se em poderosos instrumentos de **manipulação** e **alienação** de essência totalitária cuja finalidade seria a **justificação da ordem** estabelecida, o **conformismo** generalizado e a **padronização** das formas de pensar, agir e sentir. Têm um poderoso papel normalizador e massificador.

Contra esses universalismos disciplinadores, insurgem-se os que defendem os **contextos locais**, a heterogeneidade das formas de vida, as particularidades dos modos de ser e pensar, uma ética das circunstâncias e uma autonomia moral em relação às normas universais. O grande perigo é o de tal situação favorecer e promover um ingênuo **anarquismo liberal**, promover uma profunda **aversão** à política e conduzir os indivíduos a uma apatia social, mesclada com um pluralismo neoliberal típico das sociedades de consumo. Sem falarmos do fato de a mídia ter-se convertido no elemento decisivo de uma explosão e multiplicação generalizada de visões de mundo fragmentadas. Ela hoje se vê obrigada a adotar a **lógica da moda**, a inscrever-se sob o registro do **espetacular**, do fantástico, do superficial, do fútil e do consumo de emoções, só valorizando a **sedução** e o **divertimento** em suas mensagens. Diminui ou atrofia cada vez mais o raciocínio pessoal: a **reflexão** e a **discussão** são substituídas pelo **consumo** de

informações que pouco informam. Bourdieu já dizia que a opinião pessoal é um luxo. O grande risco que correm as novas gerações é o de se tornarem obesas de informação e anoréxicas de conhecimento.

No plano do Absoluto, o que representam o atual desencanto com a Razão e a negação de todo fundamento e de toda certeza? A aceitação mesma da “morte de Deus”, de um Deus-Fundamento último da estrutura de uma metafísica absoluta da realidade. Razão pela qual torna-se novamente possível se crer em Deus. Claro que quase não existe mais quem reivindique um ateísmo militante. O fim da metafísica e a morte do Deus moral liquidaram as bases filosóficas do ateísmo. O que se busca é uma forma de niilismo positivo afirmando-se pela exaltação dos novos valores da vida. O que não deixa de ser importante, não só para se purificar o conceito mesmo de Deus, mas para se elaborar uma crítica dos ídolos. De um modo geral, o Deus do homem atual não é mais o “Deus dos filósofos e dos sábios”. Tampouco um Deus pessoal, mas uma **Divindade** que se encontra para além de nossas representações e de nossos conceitos. Na prática, confunde-se com uma espécie de Absoluto **mistérico, energético** ou **cósmico** manifestando-se nas experiências individuais do “conhecimento” místico, esotérico ou oculto e exaltando certo maravilhosismo e certo experimentalismo.

A crítica e a negação da Razão servem de pretexto para se ter acesso ao “mistério” ou “profundo”. Só tem valor o “conhece-te a ti mesmo” socrático. Por viverem afogados no presente, os indivíduos são ao mesmo tempo mais **informados** e mais desestruturados, mais **adultos** e mais instáveis, menos **ideologizados** e mais tributários das modas, mais **abertos** e mais influenciáveis, mais **críticos** e mais superficiais, mais **céticos** e menos profundos. A desagregação do mundo da tradição não é mais vivida sob o regime da **emancipação**, mas da **crispação**. É o **medo** que prevalece e domina face a um futuro incerto, a uma lógica da globalização se exercendo independentemente dos indivíduos, a uma competição liberal exacerbada, a um desenvolvimento maluco das tecnologias da informação, a uma precarização do emprego e ao aumento do desemprego. Narciso está mergulhado na inquietude. O medo se impõe ao gozo. A angústia se impõe à liberação. A obsessão de si se manifesta menos na febre do gozo que no **medo da doença** e da idade, na **medicalização** da vida: na **depressão**. Narciso está aterrorizado pela vida cotidiana: tudo o apavora. Neste contexto, o grande risco é o de cairmos na tentação do **consumismo frívolo de sensações**, de aceitarmos uma **religiosidade à la carte**, o “religioso” se convertendo num esteticismo gustativo das realidades místicas, energéticas,

ocultas ou esotéricas, implicando a aceitação de certa **idolatria** ou panteísmo gnosticista e a busca frenética por uma **felicidade angustiada**, repleta de insaciáveis prazeres privados quase sempre provocados por meios ou estimulantes artificiais.

Hilton Japiassu

Licenciado em Filosofia na PUC do Rio de Janeiro (1969), Pós-Graduado em Filosofia (Epistemologia e História das Ciências) na Université des Sciences Sociales de Grenoble (França), Doutorado com a tese *L'épistémologie des relations interdisciplinaires des sciences humaines* (1975) e Pós-doutorado em Filosofia na Université des Sciences Humaines de Strasbourg (França) (1985), Hilton Japiassu publicou mais de 15 livros traduzidos do francês, mais de 30 artigos e capítulos de livros e mais de 20 livros publicados.

Ele era professor Associado nos cursos de graduação e pós-graduação no Departamento de Filosofia da PUC do Rio de Janeiro (1975 a 1985), professor Adjunto DE de Epistemologia e História das Ciências (graduação e pós-graduação) no Departamento de Filosofia da UFRJ (desde 1978), realizou mais de 20 cursos de extensão e de pós-graduação *latu sensu* e mais de 60 Conferências e Palestras em Universidades e Congressos.

Hilton faleceu no Rio de Janeiro no dia 28 de abril de 2015 de causas naturais.